

“O Horror de Dunwich” – H.P. Lovecraft**Tradução: Lara D’Onofrio Longo****Quem é Lara D’Onofrio Longo?**

Lara D’Onofrio Longo é natural de São José do Rio Preto-SP, bacharel em Letras com Habilitação de Tradutor pela Universidade Estadual Paulista. Esta presente tradução foi aqui reproduzida com autorização e faz parte originalmente de “*The Dunwich horror*”, de H. P. Lovecraft: *Literatura e Tradução*. São José do Rio Preto, 1999. 207p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Câmpus de São José do Rio Preto, UNESP. Atualmente Lara atua como Tradutora Pública e Intérprete Comercial do Idioma Espanhol e mantém seu site na internet www.tradutora.org. Contatos: lalaralongo@ig.com.br

O HORROR DE DUNWICH

Górgonas, Hidras e Quimeras — horrendas histórias de Celainó e das Hárpias — podem-se reproduzir no âmago das superstições — mas já estavam lá antes. São transcrições, tipos — os arquétipos estão dentro de nós, eternos. Do contrário, como poderia afetar-nos a narração daquilo que sabemos ser falso quando lúcidos? Será que naturalmente concebemos o terror a partir de tais objetos, considerados em sua capacidade de nos causar danos físicos? Ora, não se trata disso! Esses terrores são de tempos mais antigos. Datam do além-corpo — ou, sem o corpo, teriam sido os mesmos... Que o tipo de medo aqui tratado é puramente espiritual — que é forte em proporção a sua falta de objetivo na Terra, que predomina no período de nossa infância inocente — são dificuldades cuja solução pode proporcionar alguma provável introversão de nossa condição ante-mundana e, pelo menos, um vislumbre da zona de sombras da pré-existência.

CHARLES LAMB: *Witches and other night-fears* (Bruxas e outros temores-noturnos)

1

QUANDO ALGUÉM QUE viaja pelo centro-norte de Massachussets pega o caminho errado no cruzamento da rodovia de Aylesbury logo após passar por Dean’s Corners, depara-se com uma região isolada e curiosa. O relevo torna-se mais montanhoso e os paredões de pedras cobertos por roseiras-bravas estreitam cada vez mais a estrada sinuosa e poeirenta. As árvores das numerosas matas parecem grandes demais, e as ervas daninhas, as amoreiras silvestres e o capim atingem uma exuberância raramente encontrada em regiões povoadas. Ao mesmo tempo, há poucos e improdutivos campos cultivados e somente algumas casas esparsas, que se revestem de um surpreendente aspecto uniforme de antigüidade, imundície e ruína. Sem saber por que, hesitamos em pedir informações às enrugadas e solitárias figuras entrevistadas, uma vez ou outra, nas soleiras das portas caindo aos pedaços ou nas campinas em declive cobertas de pedras. Essas figuras são tão silenciosas e furtivas que temos uma certa sensação de estarmos confrontando-nos com coisas proibidas, com as quais seria melhor não termos a menor ligação. Quando um aactive na estrada traz à vista as montanhas por sobre a mata densa, aumenta a sensação de estranha inquietude. Os cumes são arredondados e simétricos demais para suscitar conforto e naturalidade, e, às vezes, o céu delineia com especial clareza os bizarros círculos de altos pilares de pedra com os quais a maioria deles é coroada.

Desfiladeiros e ravinas de uma profundidade extraordinária interceptam o caminho, e as grosseiras pontes de madeira não inspiram muita segurança. Na próxima descida da estrada, há trechos pantanosos que, instintivamente, causam repulsa e até certo medo quando, ao entardecer, chilram curiangos escondidos e os vaga-lumes surgem numa profusão anormal para dançar ao ritmo insistente do coxo roufenho, horripilante e estridente das rãs-touros-gigantes. O curso estreito e brilhante das áreas mais altas do rio Miskatonic sugere uma estranha semelhança com uma serpente ao enredar-se próximo às bases das colinas arredondadas entre as quais nasce.

Conforme as colinas vão ficando mais próximas, prestamos mais atenção às suas encostas arborizadas que aos topos coroados de pedras. Essas encostas assomam-se tão obscuras e íngremes que desejaríamos que se mantivessem afastadas, mas não há outra estrada por onde possamos evitá-las. Do outro lado de uma ponte coberta, vemos um pequeno povoado comprimido entre o riacho e a ladeira vertical da Montanha Redonda e imaginamos que o conjunto de apodrecidos telhados à holandesa revelam um período arquitetônico mais antigo que o da região vizinha. Não é nada animador, observando mais atentamente, que a maioria das casas estão abandonadas e caindo aos pedaços e que a igreja, com o campanário quebrado, abriga agora o único e desmazelado estabelecimento comercial da aldeia. Apavoramo-nos ao ter que passar pelo tenebroso túnel da ponte, contudo não há como evitá-lo. Uma vez transposto, não é raro sentirmos um leve e maligno odor na rua do povoado, que acumula o mofo e a decadência de séculos. É sempre um alívio sair desse lugar e seguir pela estrada estreita que circunda a base das colinas e cruza a planície até se unir novamente à rodovia de Aylesbury. Depois de algum tempo, às vezes nos damos conta de que passamos por Dunwich.

Pessoas de fora visitam Dunwich com muito pouca frequência, e, desde uma certa temporada de horror, todas as placas que indicavam sua direção foram retiradas. O cenário, julgado por qualquer cânon estético comum, excede em beleza, e, no entanto, não há afluência de artistas nem de turistas de verão. Há dois séculos, quando ninguém ria ao se falar de bruxaria, adoração de Satanás e presenças estranhas nas florestas, era de costume explicar a razão de se estar evitando a localidade. Em nossa era racional —desde que o horror de Dunwich de 1928 foi silenciado por aqueles que se sensibilizaram pelo bem-estar da cidade e do mundo— as pessoas afastam-se dela sem saber exatamente por quê. Talvez isso se deva ao fato — embora não possa ser aplicado a estranhos desavisados — de que os habitantes locais estejam agora numa fase de decadência repugnante e muito superior aquele nível de atraso tão comum nos confins da Nova Inglaterra. Eles acabaram por formar uma raça própria, com características mentais e físicas bem definidas de degeneração e endogamia. Sua inteligência média é lamentavelmente baixa, ao mesmo tempo que seus anais exalam a podridão de uma imoralidade patente e de assassinatos, incestos e atos de quase inominável violência e perversidade mais ou menos encobertos. A velha aristocracia, representada pelas duas ou três famílias nobres que vieram de Salem em 1692, mantiveram-se um pouco acima do nível geral de decadência; embora muitos ramos misturaram-se tão profundamente à massa sórdida que somente seus nomes permanecem como um indicativo da origem que desonram. Alguns dos Whateley e Bishop ainda mandam seus filhos mais velhos para Harvard e Miskatonic, embora estes raramente retornem aos arruinados telhados à holandesa sob os quais eles e seus ancestrais nasceram.

Ninguém, nem mesmo aqueles que conhecem os fatos relacionados ao recente horror, podem dizer com clareza o que há de errado com Dunwich, embora velhas lendas falem de ritos profanos e conclaves de índios, nos quais eram invocadas formas proibidas de sombra que saíam das grandes colinas arredondadas, e eram feitas preces orgiásticas respondidas por altas crepitações e estrondos provenientes do solo abaixo. Em 1747, o Reverendo Abijah Hoadley, recém-chegado à Igreja Congregacional do Povoado de Dunwich, pregou um sermão memorável sobre a presença próxima de Satanás e seus diabretes, no qual disse:

Não se pode negar que essas Blasfêmias de um infernal Cortejo de Demônios são assuntos de Conhecimento muito comum para serem negadas; as vozes amaldiçoadas de *Azazel* e *Buzrael*, de *Belzebu* e *Belial* que provêm do subsolo, foram ouvidas por mais de Vinte Testemunhas confiáveis e que ainda estão vivas. Eu mesmo, menos de Duas Semanas atrás, ouvi um Discurso muito claro de Forças malignas na Colina atrás da minha casa; onde havia uma Algazarra e Agitação, uns Gemidos, Berros e Silvos, que nenhuma Coisa desta Terra poderia provocar e que, com certeza, vinham daquelas Cavernas, que somente a Magia Negra pode descobrir e somente o Diabo revelar.

O Sr. Hoadley desapareceu logo após proferir esse sermão, mas o texto, impresso em Springfield, ainda existe. Ruídos nas colinas continuaram a ser relatados ano a ano e ainda formam um quebra-cabeças para geólogos e fisiógrafos.

Outras tradições falam de fétidos odores perto dos círculos de pilares de pedras que coroam as colinas e de presenças etéreas impetuosas, que são ouvidas debilmente a certas horas e em pontos fixos na base das grandes ravinas, enquanto ainda outras tentam explicar o Campo do Demo — uma encosta árida e amaldiçoada onde não cresce nenhuma árvore, arbusto ou capim. Além disso, os habitantes locais têm um medo mortal dos numerosos curiangos que cantam mais alto nas noites quentes. Juram que os pássaros são psicopompos à espera das almas dos moribundos e que emitem seus gritos sinistros em uníssono com a respiração ofegante do sofredor. Se conseguem agarrar a alma fugitiva quando deixa o corpo, eles rapidamente se alvoroçam chilreando numa risada demoníaca, mas, se falham, caem pouco a pouco num silêncio desapontado.

É claro que essas histórias são obsoletas e ridículas, pois são transmitidas desde tempos muito antigos. Dunwich é, de fato, um povoado absurdamente velho — bem mais velho do que qualquer uma das comunidades num raio de 50 quilômetros. Ao sul, podemos avistar as paredes do porão e a chaminé da antiga casa dos Bishop, que foi construída antes de 1700, ao passo que as ruínas do moinho da cachoeira, construído em 1806, constituem-se na peça arquitetônica mais moderna visível. A indústria não floresceu em Dunwich, e o movimento fabril do século XIX não resistiu muito tempo. Mais velhos de todos são as grandes circunferências de colunas de pedra desbastadas dos topos das colinas, mas elas são mais atribuídas aos índios que aos colonizadores. Depósitos de caveiras e ossos, encontrados dentro desses círculos e ao redor da enorme pedra em forma de mesa na Colina Sentinela, sustentam a crença popular de que tais locais já foram cemitérios dos Pocumtucks; ainda que muitos etnólogos, menosprezando a absurda improbabilidade de tal teoria, persistem acreditando tratar-se de restos caucásicos.

2

Foi no distrito de Dunwich, numa grande e em parte desabitada sede de um sítio localizada na encosta de uma colina a cerca de seis quilômetros e meio do povoado e dois quilômetros e meio de qualquer outra residência, onde nasceu Wilbur Whateley, às 5 horas da manhã do domingo, dia dois de fevereiro de 1913. Essa data era lembrada porque era o dia de Nossa Senhora da Candelária, que os habitantes de Dunwich curiosamente celebram com outro nome, e porque foram ouvidos os ruídos nas colinas e todos os cães das redondezas latiram persistentemente durante toda a noite anterior. Menos digno de nota era o fato de que a mãe fazia parte do ramo decadente dos Whateley, uma mulher albina de 35 anos um tanto deformada e nada atraente, que morava com um pai idoso e meio louco de quem, em sua juventude, correram rumores sobre as mais assustadoras histórias de bruxarias. Lavinia Whateley não tinha marido conhecido, mas, de acordo com o costume da região, não fez nenhuma tentativa de rejeitar a criança; no que diz respeito ao outro lado da linhagem, os camponeses puderam especular, e assim o fizeram de todas as maneiras cabíveis. A mãe, pelo contrário, parecia estranhamente orgulhosa dessa criança escura e semelhante a um bode, que contrastava muito com seu doentio albinismo de olhos cor-de-rosa, e costumava sussurrar muitas profecias curiosas sobre seus poderes incomuns e seu futuro brilhante.

Lavinia era bem capaz de mencionar tais coisas, já que era uma criatura solitária e dada a vagar em meio a tempestades nas colinas, tentando ler os grandes livros malcheirosos que seu pai herdara através de dois séculos de existência dos Whateley e que estavam-se desmantelando com o tempo e com os buracos de traça. Nunca fora à escola, mas se alimentava de fragmentos desconexos de sabedoria antiga que o Velho Whateley lhe havia ensinado. A remota sede sempre fora temida devido à reputação do Velho Whateley de ser praticante de magia negra, e a inexplicada morte violenta da Sra. Whateley, quando Lavinia tinha doze anos, não havia ajudado a tornar o local popular. Isolada em meio a estranhas influências, Lavinia apreciava os devaneios selvagens e

grandiosos e as ocupações singulares; em seu tempo livre, não se dedicava muito aos cuidados da casa, de onde todos os padrões de ordem e limpeza haviam desaparecido há muito tempo.

Houve um grito horrível que ecoou até por sobre os ruídos das colinas e os latidos dos cães na noite em que Wilbur nasceu, mas nenhum médico ou parteira conhecidos fizeram seu parto. Os vizinhos não sabiam nada dele até uma semana depois, quando o Velho Whateley conduziu seu trenó pela neve até o Povoado de Dunwich e disse umas palavras incoerentes para o pessoal da venda do Osborn. Parecia haver uma mudança no velho — um novo elemento de dissimulação em seu cérebro enevoado que subitamente o transformou de objeto em sujeito do medo — embora não costumasse ser perturbado por nenhum acontecimento familiar corriqueiro. Em meio a tudo isso, mostrou um certo orgulho, que pôde também ser notado em sua filha posteriormente, e o que ele disse sobre a paternidade da criança foi lembrado anos depois por muitos daqueles que o ouviram.

— Num quero sabê o que o povo fala; se o fio da Lavinny paricesse com o pai, não ia parecê com nada conhecido. Oeis acha que só tem gente iguar que a gente daqui. A Lavinny já leu e viu umas coisa que a maioria d’oéis só sabe falá. Eu acho que o home dela é dos mió qu’oéis pode encontrá desse lado de Aylesbury; e se oéis conhecesse das montanha como eu, num ia pedi mió casamento na igreja do que o dela. Vô falá uma coisa pr’oéis — *um dia oéis vai ouvi um fio da Lavinny chamá o nome do pai no arto da Colina Sentinela!*

As únicas pessoas que viram Wilbur durante o primeiro mês de sua vida foram o velho Zechariah Whateley, dos Whateley não decadentes, e Mamie Bishop, a companheira de Earl Sawyer. A visita de Mamie foi mesmo por curiosidade, e as histórias contadas por ela depois fizeram justiça a suas observações; mas foi então que Zechariah levou duas vacas leiteiras da raça Alderney que o Velho Whateley havia comprado de seu filho Curtis. Isso marcou o começo de uma seqüência de compras de gado da parte da família do pequeno Wilbur que só terminou em 1928, ano em que se deu o horror de Dunwich; no entanto, o estábulo em ruínas dos Whateley em nenhum momento pareceu estar superlotado de gado. Houve uma época em que as pessoas ficaram curiosas a ponto de subir às escondidas para contar o rebanho, que pastava precariamente na encosta íngreme acima da velha sede, mas nunca conseguiram encontrar mais do que dez ou doze animais anêmicos e exangues. Era evidente que alguma praga ou doença, talvez disseminada através da pastagem insalubre ou do madeiramento e dos fungos contaminados do estábulo imundo, estava causando um alto índice de mortalidade no gado do Whateley. Feridas ou chagas esquisitas, algo semelhantes a incisões, pareciam afligir o gado que se encontrava à vista; e uma ou duas vezes, durante os primeiros meses de vida do menino, alguns visitantes sugeriram ter reconhecido chagas similares nos pescoços do velho grisalho barbado e de sua desleixada filha albina de cabelo crespo.

Na primavera após o nascimento de Wilbur, Lavinia retomou suas costumeiras perambulações pelas colinas, carregando em seus braços desproporcionais a criança morena. O interesse popular pelos Whateley diminuiu depois que a maioria dos camponeses já havia visto o bebê, e ninguém se preocupou em comentar sobre o acelerado desenvolvimento que aquele recém-nascido parecia exibir todos os dias. O crescimento de Wilbur era de fato impressionante, visto que, num prazo de três meses de seu nascimento, havia atingido um tamanho e força muscular incomuns para crianças com menos de um ano completo. Seus movimentos e até mesmo seus sons vocais mostravam prudência e decisão muito peculiares para uma criança, e ninguém estranhou quando, aos sete meses, começou a andar sem ajuda, com pequenos tropeços que desapareceriam no próximo mês.

Pouco tempo depois — no Halloween — uma grande fogueira foi vista à meia-noite no cume da Colina Sentinela, onde está a velha pedra em forma de mesa entre seu túmulo de ossos antigos. Surgiram muitos comentários quando Silas Bishop — dos Bishop não decadentes — mencionou ter visto o menino subindo correndo com muita rapidez a montanha à frente de sua mãe cerca de uma hora antes de as chamas serem notadas. Silas estava arrebanhando uma novilha

desgarrada, mas quase esqueceu sua missão quando avistou, de relance, a presença das duas figuras iluminadas parcialmente por sua lanterna. Elas dispararam a correr pelo mato rasteiro quase sem fazer barulho, e o pasmado observador parecia acreditar que estavam inteiramente nuas. Mais tarde, já não podia ter certeza com respeito ao menino, que poderia estar vestido com um tipo de cinto de franjas e com uma bermuda ou calças escuras. Wilbur nunca mais foi visto, vivo e consciente, sem um traje completo e muito bem abotoado, pois o desalinho ou iminente desalinho deste sempre parecia enfurecê-lo e alarmá-lo. Seu contraste com a esquelética mãe e o avô a este respeito era um fato muito observado até que o horror de 1928 sugeriu a mais válida das razões.

No mês de janeiro seguinte, houve apenas alguns boatos sobre o fato de que “o moleque negro da Lavinny” havia começado a falar com somente onze meses. Seu modo de falar era algo notável tanto por ser diferente do sotaque comum à região quanto por não apresentar aquele balbúcio infantil de que muitas crianças de três ou quatro anos podem muito bem se orgulhar. O menino não era falador, entretanto, quando falava, parecia expressar algum elemento indefinível e totalmente alheio a Dunwich e seus habitantes. A estranheza não estava no que ele dizia, ou nas simples expressões que ele usava, mas parecia vagamente ligada a sua entonação ou aos órgãos internos que produziam os sons pronunciados. Também seu aspecto facial era notável pela maturidade; embora apresentasse a mesma ausência de queixo da mãe e do avô, seu nariz firme e precocemente modelado, aliado à expressão dos grandes, escuros e quase latinos olhos, davam-lhe um certo ar adulto e uma inteligência fora do comum. Era, contudo, extremamente feio apesar de sua aparência brilhante; havia algo quase caprino ou animalesco em seus lábios grossos, na pele amarelada e de poros grandes, nos cabelos crespos e grossos e nas orelhas estranhamente alongadas. Logo, tornou-se decididamente ainda menos apreciado do que sua mãe e seu avô, e todas as suposições sobre ele eram pinceladas com referências à antiga magia do Velho Whateley e a como as colinas certa vez tremeram quando ele gritou o terrível nome de *Yog-Sothoth* no meio de um círculo de pedras segurando um enorme livro aberto a sua frente. Os cães detestavam o menino, e ele era sempre obrigado a tomar várias medidas defensivas contra seus latidos ameaçadores.

3

Nesse ínterim, o Velho Whateley continuou a comprar gado sem que se percebesse qualquer aumento em seu rebanho. Ele também cortou madeira e começou a consertar as partes sem uso de sua casa — uma construção espaçosa, de telhado pontiagudo, cuja parte de trás estava inteiramente encravada na ladeira rochosa da colina, e cujos três cômodos térreos menos arruinados haviam sempre sido suficientes para ele e sua filha. O velho devia ainda ser muito forte para conseguir realizar tanto trabalho pesado; e, embora ainda balbuciasse coisas de modo demente algumas vezes, sua carpintaria parecia demonstrar resultados de cálculos precisos. Ele começou as obras assim que Wilbur nasceu, pondo logo um dos muitos barracões de ferramentas em ordem, revestindo-o com ripas e equipando-o com uma fechadura nova e resistente. No que se refere à reforma da abandonada parte de cima da casa, foi um artífice não menos cuidadoso. Sua obsessão mostrava-se somente em seu preciso fechamento com madeira de todas as janelas da parte em reparos — embora muitos declarassem que era uma loucura incomodar-se com a reforma em geral. Menos inexplicáveis foram as instalações de outro quarto térreo para seu novo neto — um quarto que diversos visitantes viram, embora ninguém nunca fosse admitido na completamente fechada parte de cima. Nesse aposento, ele colocou estantes altas e firmes, nas quais começou a organizar, numa ordem aparentemente cuidadosa, todos os carcomidos livros antigos e partes de livros que até então ficavam amontoados desordenadamente pelos cantos dos vários cômodos.

— Eu usei um pouco eles — disse ao tentar remendar uma página rasgada, escrita em letra gótica, com cola preparada no enferrujado fogão da cozinha — mais o menino é que vai usá eles mais. É mió ele guardá eles direitim porque eles vai sê útir pr’ele aprendê.

Quando Wilbur tinha um ano e sete meses — em setembro de 1914 — seu tamanho e habilidades eram quase alarmantes. Tinha a estatura de uma criança de quatro anos e falava de modo fluente e com uma inteligência incrível. Corria livremente pelos campos e colinas e acompanhava sua mãe em todas as suas perambulações. Em casa, estudava cuidadosamente as esquisitas figuras e gráficos dos livros de seu avô, enquanto o Velho Whateley instruíamo e catequisava-o por longas e silenciosas tardes. Nessa época, a reforma da casa havia terminado, e aqueles que a observavam ficavam imaginando por que uma das janelas superiores havia sido transformada numa sólida porta de madeira. Era uma janela na parte de trás da empena do lado leste, encostada na colina; e ninguém podia imaginar por que uma rampa de madeira foi construída desde o chão e presa nela. Por volta do período de término dessa obra, as pessoas notaram que a velha casa das ferramentas, hermeticamente fechada e com as janelas revestidas por ripas de madeira desde o nascimento de Wilbur, havia sido abandonada de novo. A porta ficava descuidadamente aberta e, assim que Earl Sawyer entrou ali depois de uma visita para a venda de gado ao Velho Whateley, ficou um tanto perturbado com o odor singular com o qual se deparou — esse mau cheiro, afirmou, que ele nunca havia sentido antes em toda a sua vida, exceto perto dos círculos indígenas nas colinas, e que não poderia provir de nada são ou desta Terra. Mas até aí, os lares e barracões do povo de Dunwich nunca foram notáveis pela imaculabilidade olfativa.

Nos meses seguintes, não houve nenhum acontecimento digno de nota, com exceção de que todos constataram um lento mas constante aumento nos misteriosos ruídos nas colinas. Na Véspera de Maio de 1915, houve tremores que até mesmo os moradores de Aylesbury sentiram, enquanto que o Halloween daquele ano produziu um estrondo no subsolo, sincronizado, de forma bizarra, com rajadas de chamas — “é as bruxaria dos Whateley” — provenientes do cume da Colina Sentinela. O modo como Wilbur crescia era tão estranho que parecia um menino de dez anos quando acabara de completar três. Lia sozinho e sem nenhuma dificuldade; mas falava muito menos que antes. Uma taciturnidade profunda estava absorvendo-o, e, pela primeira vez, as pessoas começaram a falar especificamente de um certo semblante de maldade em seu rosto caprino. Às vezes, balbuciava em uma linguagem desconhecida e cantava em ritmos bizarros que assustavam o ouvinte, provocando-lhe uma sensação de inexplicável terror. A aversão dos cães por ele tornara-se então assunto para extensos comentários, e ele era obrigado a carregar uma pistola para atravessar o campo em segurança. Os usos ocasionais da arma não aumentaram sua popularidade entre os donos de cães de guarda.

Os poucos que visitavam a casa encontravam Lavinia freqüentemente sozinha no térreo, enquanto gritos estranhos e passos ressoavam na lacrada parte de cima. Ela nunca contava o que seu pai e o menino faziam lá em cima, embora uma vez tenha empalidecido e ficado muito apavorada quando um vendedor de peixe brincalhão tentou abrir a porta trancada que dava para a escada. Aquele mascate contou ao pessoal da venda no Povoado de Dunwich que pensou ter ouvido pisadas de cavalo naquele piso de cima. Eles refletiram, pensando na porta, na rampa e no gado que desapareceu tão repentinamente, estremecendo ao se lembrar das histórias de quando Whateley era jovem e das estranhas coisas que são chamadas para fora da Terra quando um novilho é sacrificado no momento oportuno para certos deuses pagãos. Durante um determinado tempo, notou-se que os cães haviam começado a detestar e temer toda a propriedade dos Whateley tão violentamente quanto detestavam e temiam o jovem Wilbur em pessoa.

Em 1917 chegou a guerra, e o grande proprietário de terras Sawyer Whateley, na condição de presidente da junta de recrutamento local, havia tido muito trabalho para encontrar uma quota de jovens de Dunwich aptos até mesmo para serem mandados para o serviço militar. O governo, alarmado com tais sinais de uma decadência regional completa, enviou vários oficiais e peritos médicos para investigar, conduzindo uma pesquisa que os leitores dos jornais da Nova Inglaterra ainda recordam. Foi a publicidade dedicada a essa investigação que colocou repórteres no rastro dos Whateley e causou a publicação, no *Boston Globe* e *Arkham Advertiser*, de histórias dominicais sensacionalistas sobre a precocidade do jovem Wilbur, a magia negra do Velho Whateley, as estantes de livros antigos, o lacrado segundo piso da antiga sede e a singularidade de toda a região

com seus ruídos nas colinas. Wilbur tinha quatro anos e meio então e parecia um rapaz de quinze. Seus lábios e bochechas estavam completamente cobertos com pelos ásperos e escuros e sua voz havia começado a mudar.

Earl Sawyer foi para a propriedade dos Whateley com o grupo de repórteres e fotógrafos e chamou sua atenção para o estranho mau cheiro que parecia provir da parte de cima lacrada. Ele afirmou que era exatamente igual a um cheiro que sentira no barracão de ferramentas abandonado quando a reforma havia finalmente terminado e semelhante aos leves odores que, às vezes, parecia sentir perto do círculo de pedras nas montanhas. O povo de Dunwich leu as histórias quando foram publicadas e riu dos erros óbvios. Tentavam imaginar, também, por que os escritores atinham-se tanto ao fato de que o Velho Whateley sempre pagava pelo gado com antiqüíssimas moedas de ouro. Os Whateley haviam recebido seus visitantes com uma aversão mal disfarçada, embora não tivessem ousado oferecer nenhuma forte resistência ou se recusado a falar, para evitar que se desse maior publicidade ao caso.

4

Durante uma década, os anais dos Whateley inseriram-se indistintamente na vida cotidiana de uma mórbida comunidade acostumada a seus estranhos modos, que eram fortalecidos com as orgias da Véspera de Maio e da Véspera de Todos os Santos. Duas vezes por ano, eles faziam fogueiras no cume da Colina Sentinela; nesses momentos, os estrondos das montanhas ressurgiam com uma violência cada vez maior, ao passo que, durante todo o ano, eram realizados atos estranhos e pressagiosos no solitário casarão. Com o tempo, os visitantes afirmaram ouvir sons na lacrada parte de cima mesmo quando toda a família estava embaixo, e eles ficaram imaginando o quão rápido ou demorado era, geralmente, o sacrifício de uma vaca ou novilha. Falou-se em dar queixa à Sociedade Protetora dos Animais, mas nunca nada foi feito, já que o povo de Dunwich não demonstra a menor vontade de chamar a atenção do mundo exterior para si.

Por volta de 1923, quando Wilbur era um menino de dez anos cuja mentalidade, voz, estatura e rosto barbado davam-lhe todas as impressões de maturidade, uma segunda grande febre de carpintaria começou na velha casa. As obras foram realizadas somente na parte de cima, e, pelos pedaços de madeira jogados, as pessoas concluíram que o jovem e seu avô haviam arrancado todas as repartições e até removido o sótão, deixando apenas um espaço vazio e aberto entre o térreo e o telhado pontiagudo. Haviam derrubado, também, a grande chaminé central e adaptado ao enferrujado fogão uma frágil chaminé de latão externa.

Na primavera após esse acontecimento, o Velho Whateley notou o número crescente de curiangos que saíam do Vale da Fonte Fria para gorjear embaixo de sua janela à noite. Parecia considerar essa circunstância como de grande importância e disse ao pessoal da venda do Osborn que achava que sua hora quase havia chegado.

— Eles pia bem juntim com a minha respiração agora — disse — e acho que eles tão se arrumano pra pegá meu espírito. Eles sabe que ele tá saíno e num qué perdê ele. Oeis vai sabê, gente, dispois que eu Morrê se eles me pegô ô não. Se pegá, eles vai ficá cantano e rino até o dia nascê. Se num pegá, eles vai ficá bem quetim. Espero que eles e os espírito que eles caça tem umas briga danada de boa argum dia.

Na noite de 1º de agosto, comemoração da festa da colheita, de 1924, o Dr. Houghton de Aylesbury foi chamado com urgência por Wilbur Whateley, que galopou a toda pressa com seu último cavalo através da escuridão para telefonar da venda do Osborn no povoado. Ele encontrou o Velho Whateley em estado muito grave, com o coração acelerado e a respiração ofegante que indicavam um final bem próximo. A disforme filha albina e o neto com aquela barba esquisita puseram-se ao lado da cama, enquanto do abismo vazio acima vinha um inquietante som semelhante ao rítmico balanço ou marulho das ondas em alguma praia de águas calmas. O médico, contudo, estava mais incomodado com o chilrar dos pássaros noturnos do lado de fora; uma legião

aparentemente ilimitada de curiangos que gritava sua mensagem infinita em repetições diabolicamente sincronizadas com a respiração entrecortada do moribundo. Era por demais incomum e anormal, pensou o Dr. Houghton, como toda aquela região que ele havia adentrado tão relutantemente em resposta ao urgente chamado.

Por volta da uma hora, o Velho Whateley recobrou a consciência e interrompeu sua respiração ofegante para balbuciar algumas palavras a seu neto.

—Mais espaço, Willy, mais espaço logo. Ocê cresce, mais ele cresce mais ligero. Vai tá pronto para servi ocê logo, menino. Abre os portão pra Yog-Soloth com aquela reza comprida que ocê vai encontrá na página 751 *da edição completa*, e *intão* bota fogo na prisão. Fogo nenhum da Terra pode queimá ele.

Ele estava claramente alucinado. Depois de uma pausa, durante a qual o bando de curiangos lá fora sincronizou seus gritos com o andamento alterado da respiração do velho, ao mesmo tempo que alguns indícios dos estranhos ruídos nas colinas vieram de bem longe, ele pronunciou mais uma ou duas frases.

— Dá comida pr'ele sempre, Willy, e óia o tanto; mais não deixa ele crescê muito ligero pro lugá, porque se ele rebentá o lugá dele e saí antes d'ocê abri pro Yog-Sothoth, tá tudo acabado e num vai servi pra nada. Só eles lá de longe pode fazê ele se murtiplicá e trabaiá. . . . Só eles, os antigo que qué vortá. . . .

Mas as palavras deram lugar às palpitações de novo, e Lavinia gritou ao perceber a maneira como os curiangos acompanhavam a mudança. Por mais de uma hora nada mudou; então, finalmente, ouviu-se o último estertor do moribundo. O Dr. Houghton cobriu os vitrificados olhos cinzas com as pálpebras enrugadas ao mesmo tempo que o tumulto de pássaros silenciava-se imperceptivelmente. Lavinia soluçou, mas Wilbur somente se regojizou ao mesmo tempo que os ruídos nas colinas retumbavam debilmente.

— Eles não pegaro ele — murmurou com sua voz grossa e grave.

Nessa época, Wilbur era um estudioso de uma erudição espantosa em seu modo unilateral, e muitos bibliotecários de lugares distantes, onde são guardados livros raros e proibidos de tempos remotos, começavam a conhecê-lo por correspondência. Era cada vez mais odiado e temido na região de Dunwich devido a certos desaparecimentos de jovens que as suspeitas levavam vagamente a sua porta; mas conseguia sempre silenciar as investigações através de intimidações ou lançando mão daquele estoque de ouro antigo que, assim como no tempo de seu pai, ainda era gasto de modo regular e crescente para a compra de gado. Aparentava estar extremamente maduro agora e sua estatura, tendo alcançado o limite normal dos adultos, parecia sujeita a aumentar ainda mais. Em 1925, quando recebeu a visita de um estudioso e correspondente da Universidade de Miskatonic que partiu pálido e confuso, ele já havia alcançado mais de dois metros de altura.

Durante todos esses anos, Wilbur vinha tratando sua semi-deformada mãe albina com um desprezo crescente, chegando a proibi-la de ir às colinas com ele na Véspera de Maio e em Todos os Santos; e, em 1926, a pobre criatura queixou-se a Mamie Bishop de estar com medo dele.

— Tem mais coisa dele que eu sei do que eu posso contá pr'ocê, Mamie — ela disse — e hoje em dia tem mais inda do que eu mema sei. Juro por Deus, num sei que é que ele qué nem que é que tá tentano fazê.

Naquele Halloween, os ruídos nas colinas soaram ainda mais alto, e o fogo queimou na Colina Sentinela como de costume; mas as pessoas prestaram mais atenção aos gritos rítmicos de vastos bandos de curiangos, incomumente atrasados, que pareciam estar reunidos perto da não-iluminada casa dos Whateley. Após a meia-noite, suas notas estridentes irromperam num tipo de gargalhada pandemoníaca que cobriu toda a região, e eles não se calaram até o nascer do sol. Então, eles desapareceram rapidamente em direção sul, pois já estavam atrasados em um mês completo. O que isso significava, ninguém pôde ter muita certeza até algum tempo depois. Parecia que nenhum dos habitantes da região havia morrido, mas a pobre Lavinia Whateley, a albina deformada, nunca mais foi vista.

No verão de 1927, Wilbur consertou dois barracões do terreiro e começou a transportar seus livros e pertences para lá. Logo depois, Earl Sawyer contou ao pessoal da venda do Osborn que

mais obras de carpintaria estavam sendo realizadas na casa dos Whateley. Wilbur estava fechando todas as portas e janelas do térreo e parecia estar retirando as repartições, tal como ele e seu avô haviam feito há quatro anos. Estava vivendo num dos barracões, e Sawyer achava que ele parecia mais preocupado e trêmulo do que o normal. Em geral, as pessoas suspeitavam que ele soubesse alguma coisa sobre o desaparecimento de sua mãe, e muito poucas ousavam aproximar-se dos arredores de sua propriedade agora. Sua altura aumentara para cerca de dois metros e quinze centímetros, e nada indicava que esse desenvolvimento fosse parar.

5

O inverno seguinte trouxe um acontecimento não menos estranho do que a primeira viagem de Wilbur para fora da região de Dunwich. Correspondências trocadas com a Biblioteca Widener em Harvard, a Biblioteca Nacional em Paris, o Museu Britânico, a Universidade de Buenos Aires e a Biblioteca da Universidade de Miskatonic em Arkham não tornaram possível o empréstimo de um livro que ele queria desesperadamente; assim, ao final, ele partiu em pessoa, maltrapilho, sujo, barbado e com seu dialeto impolido para consultar a cópia na biblioteca de Miskatonic, que era a mais próxima a ele geograficamente. Com quase dois metros e meio de altura, e carregando uma mala barata e recém-comprada na venda do Osborn, essa gárgula escura e caprina apareceu um dia em Arkham à procura do temido volume mantido a sete chaves na biblioteca da faculdade — o terrível *Necronomicon* do árabe louco Abdul Alhazred na versão latina de Olaus Wormius, impresso na Espanha no século dezessete. Ele nunca vira uma cidade antes, mas não pensava em outra coisa a não ser encontrar seu caminho para o câmpus universitário; onde, de fato, passou imprudentemente pelo enorme cão-de-guarda de dentes brancos que latiu com fúria e inimizade incomuns enquanto puxava violentamente a rígida corrente que o prendia.

Wilbur estava com a inestimável mas imperfeita cópia da versão inglesa do Dr. Dee que seu avô havia-lhe deixado de herança e, ao ter acesso à cópia latina, começou a cotejar os dois textos com o objetivo de descobrir uma certa passagem que estaria na página 751 de seu volume defeituoso. Por mais que tentasse, não poderia deixar de dizê-lo, de maneira educada, ao bibliotecário — o mesmo erudito Henry Armitage (mestre pela Miskatonic, doutor pela Princeton e pela Johns Hopkins) que uma vez havia passado pela fazenda e que agora, polidamente, importunava-o com perguntas. Ele estava procurando, tinha que admitir, por um tipo de fórmula ou encantamento contendo o temível nome *Yog-Sothoth*, mas as discrepâncias, repetições e ambigüidades confundiam-no, tornando a tarefa muito complicada. Ao copiar a fórmula que ele finalmente escolheu, o Dr. Armitage olhou involuntariamente por cima de seus ombros para as páginas abertas; a da esquerda, na versão latina, continha ameaças monstruosas à paz e sanidade do mundo.

Também não é para se pensar (dizia o texto, que Armitage ia traduzindo mentalmente) que o homem é o mais velho ou o último dos mestres da Terra, nem que a massa comum de vida e substância caminha sozinha. Os Antigos foram, os Antigos são e os Antigos serão. Não nos espaços que conhecemos, mas *entre* eles. Caminham serenos e primitivos, sem dimensões e invisíveis para nós. *Yog-Sothoth* conhece o portal. *Yog-Sothoth* é o portal. *Yog-Sothoth* é a chave e o guardião do portal. Passado, presente e futuro, todos são um em *Yog-Sothoth*. Ele sabe por onde os Antigos entraram outrora e por onde Eles entrarão de novo. Ele sabe por quais campos da Terra Eles pisaram, onde Eles ainda pisam e por que ninguém pode vê-los quando pisam. Por seu cheiro, os homens podem saber que estão próximos, mas ninguém conhece seu aspecto exterior, *a não ser pelos traços daqueles que Eles geraram na humanidade*; e daqueles há muitos tipos, diferindo em aparência do mais verdadeiro modelo de homem para aquela forma que não se vê ou que não tem substância que são *Eles*. Caminham invisíveis e fétidos em locais solitários onde as Palavras foram proferidas e os Ritos ressoaram em seus Períodos. O vento algaravia com Suas vozes, e a Terra murmura com Sua consciência. Eles dobram a floresta e esmagam a cidade, entretanto nenhuma floresta ou cidade pode ver a mão que castiga. Kadath, no deserto frio, conheceu-Os, mas qual homem conhece Kadath? O deserto gelado do Sul e as ilhas submersas do Oceano contêm pedras onde Sua marca está gravada, mas quem já viu a profunda cidade congelada ou a torre lacrada e toda coroada com algas e

crustáceos? O Grande Cthulhu é Seu primo, entretanto só pode espiá-los obscuramente. *Iäl Shub-Niggurath!* Como uma vileza vocês Os conhecerão. A mão deles está em suas gargantas, entretanto vocês não os vêem, e Sua morada é mesmo única com a entrada guardada. *Yog-Sothoth* é a chave para o portal, onde as esferas se encontram. O homem reina agora onde Eles reinaram um dia; em breve, Eles reinarão onde o homem reina agora. Depois do verão vem o inverno, e depois do inverno, o verão. Eles esperam pacientes e fortes, porque aqui reinarão de novo.

O Dr. Armitage — associando o que estava lendo com o que ouvira sobre Dunwich e as inquietantes presenças que por lá pairavam e sobre Wilbur Whateley e sua aura débil e hedionda, que se estendia desde um nascimento dúbio até indícios de um provável matricídio — sentiu uma onda de temor tão tangível quanto uma corrente vinda da fria viscosidade de um túmulo. O gigante caprino e encurvado diante dele assemelhava-se à prole de um outro planeta ou dimensão; como algo apenas parcialmente humano e ligado a golfos negros de essência e entidade que se estendiam como fantasmas titânicos além de todas as esferas de força e matéria, espaço e tempo. Em seguida, Wilbur levantou a cabeça e começou a falar daquele modo estranho e ressoante que sugeria órgãos produtores de sons diferentes dos comuns aos humanos.

— Sr. Armitage — disse — eu acho qu'eu tenho que levá aquele livro pra casa. Tem coisa nele que eu tenho que experimentá numa condição que num posso cunseguir aqui, e ia sê um pecado mortar deixá que umas norma besta me impidisse. Me deixa levá ele comigo, senhor, e eu juro que ninguém vai ficá sabeno. Num preciso dizê pro senhor que vou tomá conta direitim dele. Num fui eu que deixô essa cópia do Dee do jeitim que tá..

Ele parou quando viu a expressão negativa no rosto do bibliotecário, e suas próprias feições caprinas tornaram-se maliciosas. Armitage, quase pronto a dizer-lhe que poderia tirar uma cópia das partes que precisava, de repente pensou nas possíveis conseqüências e se conteve. Era uma responsabilidade muito grande dar a tal ser a chave para essas blasfemas esferas exteriores. Whateley percebeu como as coisas se encontravam e tentou responder gentilmente.

—Ara, tá certo, se o senhor acha ansim. Tarvez em Harvard eles num seja tão cheio de coisa que nem o senhor. — E, sem dizer mais nada, levantou-se e saiu caminhando com suas passadas largas, abaixando-se ao passar por cada porta.

Armitage ouviu o latido feroz do enorme cão-de-guarda e observou as passadas de gorila de Whateley ao atravessar a pequena parte do câmpus visível da janela. Pensou nas fantásticas histórias que ouvira e recordou os velhos artigos dominicais do *Advertiser*; nisso e também nas informações que havia conseguido com os camponeses e habitantes do povoado de Dunwich durante sua única visita lá. Coisas invisíveis de fora da Terra — ou, pelo menos, não da Terra tridimensional — corriam fétidas e horríveis pelos vales estreitos da Nova Inglaterra e pairavam obscenamente sobre os topos das montanhas. Há tempos ele já se convencera disso. Agora parecia sentir a presença iminente de alguma fase terrível do horror que se impunha e entrever um avanço diabólico nos domínios negros do antigo e até então passivo pesadelo. Encerrou o *Necronomicon* com um estremecimento de repugnância, mas a sala ainda exalava um mau cheiro ímpio e inidentificável. “Como uma vileza vocês os conhecerão”, citou. Sim, o odor era o mesmo que aquele que lhe causou náuseas na casa dos Whateley há menos de três anos. Pensou uma vez mais em Wilbur, caprino e ominoso, e riu ironicamente dos rumores que corriam no povoado sobre sua linhagem.

— Endogamia? — Armitage pronunciou meio alto para si. — Deus meu, que simplórios! Mostre a eles o *Grande Deus Pã* de Arthur Machen e vão pensar que é um escândalo corriqueiro como os de Dunwich! Mas que coisa — que amaldiçoada influência amorfa dessa ou de fora desta Terra tridimensional — era o pai de Wilbur Whateley? Nascido no dia de Nossa Senhora da Candelária — nove meses depois da Véspera de Maio de 1912, quando os rumores sobre ruídos esquisitos provenientes da terra chegaram até Arkham —, que tipo de ser passeava pelas montanhas naquela noite de maio? Que horror nascido no dia da Exaltação da Cruz impunha-se ao mundo em carne e osso semi-humanos?

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

